

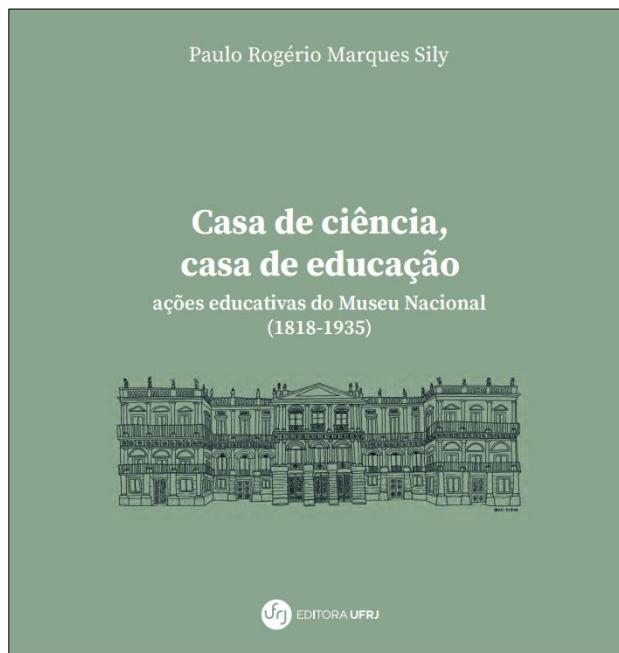


A instrução pública e a formação da nação brasileira por meio das ações educativas do Museu Nacional (1818-1935)

The public instruction and the formation of the Brazilian nation through the educational actions of the National Museum (1818-1935)

La instrucción pública y la formación de la nación brasileña a través de las actividades educativas del Museo Nacional (1818-1935)

Gustavo Bhering Bittencourt Machado de Resende
Universidade Federal de Uberlândia (Brasil)
<https://orcid.org/0009-0006-1113-6781>
<http://lattes.cnpq.br/2557260605412463>
gustavo.bittencourt@ufu.br



SILY, Paulo Rogério Marques. *Casa de ciência, casa de educação: ações educativas do Museu Nacional (1818-1935)*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 2022. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11422/17535>. Acesso em: 24 mar. 2025.

A presente resenha refere-se ao livro “Casa de ciência, casa de educação: ações educativas do Museu Nacional (1818-1935)”, de Paulo Rogerio Marques Sily, publicado em 2022, pela Editora UFRJ. Conta com lista de quadros, figuras, abreviaturas e siglas, prefácio, introdução, quatro capítulos, considerações finais, referências e onze documentos em apêndice.

Sily constrói um exame detalhado das ações do Museu Real, Imperial e Nacional, com foco principal em suas ações educativas, ao passo que, tal estudo busca afirmar a atuação do Museu, não só como uma casa da ciência, mas também, como casa de educação – lugar de construção e transmissão de conhecimento, centro de pesquisa, produção e divulgação da ciência, desde 1818 e ao longo do século XIX e XX, tendo presença significativa no processo de formação da nação brasileira.

O autor esclarece inicialmente que a obra é um desdobramento de sua tese de doutorado em Educação, defendida em 2012, que ganhou a forma de livro em 2022. Destacou, porém, que tal análise foi feita antes do grande incêndio ocorrido no Palácio de São Cristóvão, em 2018, que segundo o próprio autor, foi resultado de anos de descaso e de investimentos insuficientes, com devastação de grande parte dos vinte milhões de itens, entre coleções de Geologia, Paleontologia, Botânica, que foram organizados e conservados durante dois séculos. Para Sily o livro que publicou permite

compreender as artimanhas encenadas e aquilo que se cria e se inventa nas porosidades dos aparatos de controle, disciplina e subjetivação. Aparatos que, por vezes, são eles mesmos, vítimas do descaso e dos desmontes promovidos em nome de formas mais eficazes de gestão do um e do múltiplo, como testemunham os longos anos de descaso e de descuido, que resultaram nas labaredas e fumaças que ainda consomem o Museu Nacional (SILY, 2022, p.24).

Como instituição científica mais antiga voltada para os estudos da natureza e das gentes do Brasil, o autor busca desvinculá-la da história tradicional das instituições – que focava somente nos registros de atos excepcionais de grandes nomes e um estudo sobre a macro física do Museu Nacional, ampliando-a para uma compreensão dos processos de constituição e ações dos museus de ciências naturais, refletindo sobre os processos de racionalização e a microfísica do poder, levando em conta também, as continuidades e descontinuidades das práticas educativas.

Considerando que o processo histórico se encontra em permanente jogo de transformação e permanência, na medida em que é fruto das ações humanas – individuais e coletivas – que ocorrem na sociedade, a todo momento marcadas por conflitos e contradições, as ações educativas compreendidas como produto do processo social não são permanentes, sofrendo alterações, podendo ser interrompidas, reelaboradas, (re)significadas e inovadas (SILY, 2022, p.38).

A obra comporta novas complexidades, pois a História da instituição-museu proposta por Sily vai além da compreensão dos aspectos de racionalização da natureza e da vida, mas contempla uma tentativa de vincular o museu à sociedade, examinando sua materialidade produzida e as possíveis práticas educativas para as quais foram criadas e utilizadas.

Dessa maneira, surge uma possibilidade de pesquisa que remete a diferentes tempos da história institucional, apoiada em estudos no campo da cultura material, da Antropologia, da Ciência da Informação e da História, contribuindo com um potencial arcabouço historiográfico em relação ao patrimônio educacional e museológico. Além do mais, o livro é uma iniciativa de reconstrução e de resistência do Museu Nacional, sendo um norteador “incompleto”, segundo Sily, abrindo as portas para novas interpretações e investigações.

Esta nova perspectiva de análise busca aproximar as pesquisas sobre as ações educativas em museus com os estudos da História da Educação, por meio da atribuição ao museu de um aspecto de formação e instrução pública. Todavia, muitos estudiosos consideravam tal educação como não formal, mesmo que o Museu tivesse papel atuante na instrução e na educação pública brasileira, na qual, de acordo com Sily, a investigação das ações educativas promovidas pelo Museu Nacional, entre 1818 e 1935, conseguiram estabelecer: uma ampla divulgação das ciências naturais e humanas; a integração ao movimento e processo de construção da nação brasileira; a institucionalização da educação; a racionalização da pedagogia; a formação social do caráter público da instrução, como um centro de instrução e formação de cidadania. Informa o autor que para isso,

buscamos responder algumas questões: qual lugar ocupava o Museu Nacional na sociedade brasileira no século XIX e início do XX? O que realizou em termos de função educativa? Quais seus objetivos e para qual público procurou dirigir suas ações? Como se organizou internamente para atender a esses objetivos? Quais foram seus agentes? Que relações havia entre essas ações e as demandas internas e externas ao museu? O que intencionava instruir? (SILY, 2022, p.34)

Entre as inúmeras fontes bibliográficas, *Casa de ciência, casa de educação*, fez uma análise da legislação brasileira, das correspondências entre o museu e ministérios; dos livros de registros, dos catálogos, das publicações de diretores e professores, das conferências sobre ciência e educação, dos periódicos, murais e coleções didáticas, sendo que, boa parte das fontes foram encontradas na Biblioteca Central e no Setor de Memória e Arquivo (Semear).

A discussão acerca das ações educativas foi organizada ao decorrer de quatro capítulos, na qual o primeiro capítulo “Estudar, ensinar e divulgar a cultura e as riquezas do Brasil”, além de introduzir a conjuntura histórica que perpassa a construção e manutenção do Museu Nacional, aborda as práticas difusoras da ciência, tanto durante o Império quanto na República, e as principais legislações, decretos, regulamentos e regimentos. Neste capítulo, Sily discorre sobre a transição do Museu Real, que iniciara por meio de medidas imperiais, para um Museu Nacional, com a passagem para a República no Brasil, sendo discutido, nesse período, quem acessava tal instituição e para quem ela teria sido institucionalizada e criada e, assim, quais ações foram feitas para a abertura de um ensino para os demais públicos.

Essa determinação, de caráter político e pedagógico, de abrir as dependências do museu para os estabelecimentos de ensino de diferentes níveis, mas principalmente para as redes escolares de instrução primária e secundária, permitia que professores as utilizassem para ministrar aulas fazendo uso do material cientificamente elaborado pelas seções do museu, que deveria ser disponibilizado para ser empregado em aulas práticas, de acordo com as propostas metodológicas do ensino intuitivo. Para sua efetivação foi organizada no Museu Nacional uma sala de cursos, aparelhada com instrumentos de projeção e som, assim como foi intensificada a produção de material científico, didático e visual – gravuras, filmes e diapositivos – pelas seções do museu (SILY, 2022, p. 110).

No segundo capítulo, nomeado “O paladino das ciências naturais no Brasil”, Sily constrói uma análise das ações educativas que em geral desde a criação do Museu, em 1818, até a década de 1930, foram dirigidas à elite brasileira. Tais ações colocaram-se como iniciativas de apoio à educação, principalmente em nível superior, com o papel de divulgação dos conhecimentos científicos, por meio de exposições e conferências internacionais e nacionais. Segundo o autor, o objetivo desse capítulo era o de compreender como foi a participação do Museu nestes eventos programados, buscando a identificação dos participantes, representantes e as coleções destinadas.

A consulta aos catálogos e guias das exposições permitiu observar que, usualmente, esses documentos foram produzidos por iniciativa de governantes ou das instituições promotoras desses eventos, sendo delegada a uma determinada comissão a tarefa de organizá-los. Tinham como função servir de registro e material de propaganda e divulgação dos “artigos” – objetos e coleções – enviados para as exposições para representar o país, a província ou o estado de origem, a depender do caráter nacional ou internacional da exposição (SILY, 2022, p. 42)

Em “A história natural do Brasil em revista”, terceiro capítulo do livro, Sily investiga com mais profundidade a propagação do conhecimento à comunidade científica por meio da distribuição da revista *Archivos do Museu Nacional* e sua confirmação como um centro de pesquisa científica e propagador das principais ideologias acadêmicas e científicas.

Como instituição que procurou adotar as teorias do evolucionismo, assim como divulgar os estudos realizados com a publicação da revista *Archivos*, o Museu Nacional contribuiu para afirmar e difundir o pensamento considerado iluminista, racional e científico como forma mais acabada de explicação dos fenômenos naturais e sociais (SILY, 2022, p. 245).

Por fim, no quarto capítulo, “Ações educativas para um público mais amplo e diversificado”, Sily perfaz uma análise das propostas educacionais do Museu amplificadas para outros grupos sociais, que se inserem em uma perspectiva dos governos republicanos. As medidas adotadas investem no papel do ensino de História Natural, no qual ocorre a intensificação e a diversificação da produção de materiais didáticos, das ofertas de cursos, conferências, como também, publicações na Revista Nacional de Educação (RNE) – entre 1932 a 1934).

Os deslocamentos verificados na trajetória institucional parecem estar dialogando com tendências e concepções de museus que circularam no mundo e nortearam ações educativas em museus da Europa e dos Estados Unidos nos séculos XIX e início do século XX. Tais deslocamentos também podem ser compreendidos na chave de leitura de que a instituição procurou atender aos interesses próprios daqueles que compreendiam o caráter educativo do museu como uma das formas de contribuir para a construção e o progresso da nação brasileira (SILY, 2022, p. 46).

O estudo sobre as inúmeras ações educativas procura oferecer um outro olhar acerca das problemáticas que foram sugeridas e vistas relativas à trajetória das ações educativas do Museu Nacional, ou seja, segundo o autor, era erroneamente implícito que as ações propostas ao longo dos duzentos anos de trabalho de cunho científico e pedagógico foram feitas de forma isoladas ou repentinhas, sofrendo interrupções, levando em conta o passar do tempo e das gestões, ou até mesmo, alterações de estratégias da própria divulgação científica. Para Sily, o estudo

aqui realizado procura demonstrar o oposto. O que se observa é uma amplificação da instituição, evidenciada no alargamento de seu raio de ação, condição para que o museu obtivesse reconhecimento social junto ao governo, setor produtivo, campo científico e malha escolar (SILY, 2022, p.46).

Entre 1818, ano de sua criação, a aproximadamente 1828, o Museu Imperial e Nacional ordenou suas ações educativas em prol de assistir estabelecimentos de ensino, principalmente em nível superior durante o Império, fornecendo diversos materiais e coleções para instrução, além da abertura de salas e laboratório para pesquisa e educação.

A partir disso, no decorrer do século XIX, as funções educacionais ampliaram-se, por meio da oferta de cursos e conferências públicas de cunho técnico e científico a fim de atender o setor produtivo e de circulação de mercadorias – indústria, comércio e artes – com tais conferências ministradas pelos diretores do museu tinham como público-alvo a elite brasileira e confirmavam seus estudos em História Natural, angariadas na teoria evolucionista, disseminando os ideais científicos iluministas, nos quais, em concordância com Sily

o ensino ministrado conquistava legitimidade também ao demonstrar o impacto positivo da racionalização de procedimentos em muitos setores da economia, cuja melhor expressão poderia ser verificada em termos de rentabilidade e elevação da produtividade, isto é, multiplicação do capital (SILY, 2022, p. 383).

No século XIX foram organizadas exposições universais por países em processo de industrialização – principalmente europeus – com o Museu Nacional como representante oficial do governo brasileiro, reunindo e exibindo espécimes naturais e artefatos que foram produzidos por povos indígenas. Deste modo, era nítida a busca de “construir uma imagem do Brasil como uma nação em construção e em progresso” (SILY, 2022, p.384).

Entre 1899 e a década de 1920, o governo republicano mostrou a intenção de transformar o Museu Nacional, progressivamente, em uma casa de instrução, adotando medidas de distribuição de coleções didáticas de História Natural, quadros murais didáticos, ampliação dos conhecimentos sobre o Brasil, modernização e inovação do aparato educativo, o que ia de encontro à consolidação do seu caráter público, em resposta às reivindicações dos movimentos sociais pela educação pública no Brasil.

Uma das inovações relativas à função educativa do Museu Nacional com a nova organização em 1916 foi a determinação de que aos professores de todos os institutos de ensino da República seriam fornecidos sala e material para os seus cursos. Essa determinação, de caráter político e pedagógico, abriu as dependências do museu para os estabelecimentos de ensino de diferentes níveis, principalmente para a rede escolar de instrução primária e secundária. Ela permitia que professores utilizassem essas dependências para ministrar aulas fazendo uso dos materiais cientificamente elaborados pelas seções do museu, que deveriam ser disponibilizados para emprego em aulas práticas, de acordo com as novas propostas metodológicas do ensino. Para sua efetivação foi organizada no Museu Nacional uma Sala de Cursos, aparelhada com instrumentos de projeção e som, assim como foi intensificada a produção de material científico, didático e visual – gravuras, filmes e diapositivos – pelas seções da instituição (SILY, 2022, p.385-386).

Os deslocamentos na trajetória institucional iam de encontro com as tendências de outros museus ao redor do mundo, que também tiveram papel norteador de ações educativas, como em países europeus e nos Estados Unidos. Assim, entende-se que não seriam mudanças desproporcionais às necessidades socioeducativas ou então estratégias políticas que se alteravam, a cada mandato e governo, mas sim, o reflexo da conjuntura progressista, no sentido republicano e modernista na qual “a instituição procurou atender aos interesses próprios daqueles que compreendiam o caráter educativo do museu como uma das formas de contribuir para a construção e o progresso da nação brasileira” (SILY, 2022, p.46).

Como se pôde perceber ao longo de tantos anos, o Museu Nacional atuou como agência na produção de conhecimentos sobre as riquezas naturais e culturais e na promoção de ações educativas com o papel de instruir e divulgar a ciência para diversos e público amplo, contribuindo, assim, para a construção da nação brasileira. Além da importância da variedade e da quantidade de documentos oficiais no acervo do Museu, preservados tanto pelas exigências documentais e de prestação de contas quanto pela própria memória a ser conservada.

Em suas considerações finais, Sily expressa que sua pesquisa e o livro estão longe de estar terminados, apresentando assim um caráter provisório, ao passo que seus resultados potencializam novas interpretações e indagações a serem investigadas sobre o histórico Museu Nacional. Para ele:

As funções educativas do Museu Nacional correspondentes ao período de 1818 a 1935, até onde foi possível conhecer, não foram ainda estudadas em seu conjunto. A perspectiva da maioria dos trabalhos realizados sobre o Museu Nacional foi dirigida para o estudo da história da instituição sob o ponto de vista de sua atuação e produção como centro de ciência e/ou daqueles que nela atuaram e de suas contribuições para o campo científico. Nas últimas décadas, pesquisadores da história da ciência e da educação em museus desenvolveram pesquisas e publicaram trabalhos sobre esses 382 | Casa de ciência, casa de educação temas, alguns poucos sobre o Museu Nacional. Esses procedimentos resultaram em um estado de esquecimento quanto às ações educativas do museu, função desempenhada em sua trajetória institucional desde sua criação, em 1818 (SILY, 2022, p.381-382).

Acerca do estudo das ações educativas, foi possível compreender a circulação das concepções de ciência e educação entre o século XIX e meados do século XX no território brasileiro, além de identificar a busca de tais ações em atender as demandas tanto quanto político-econômico-sociais do país, e consequentemente, observar a gestão e organização dos ideais pedagógicos frente à instrução pública de forma singular durante o Império Brasileiro e posteriormente, e de forma mais amplificada e até mesmo democrática, nos governos republicanos.

Sily concluiu que as ações educativas propostas e consolidadas pelo Museu Nacional contribuíram para a inserção do Brasil no cenário científico internacional, na propagação e divulgação do conhecimento científico, o que, em princípio, estava voltado às classes mais abastadas da sociedade brasileira, mas que, posteriormente, foi possível perceber uma abertura e ampliação da educação às camadas populares, compreendendo o caráter educativo e o papel promissor na instrução pública do Brasil, alicerçados pelo projeto republicano de construção e formação da nação brasileira.